

# Banda diagonal e Manuel da padaria

FRITZ UTZERI\*

Escrevo do ponto de vista do cidadão comum, do “Zé” das ruas que não entende nada das alquimias de nossos sábios administradores e para quem “variação diagonal da banda cambial” é um conceito tão misterioso como o de uma “laparotomia exploradora” deve ser para um não médico. O segundo conceito eu explico em português mesmo: trata-se de abrir a barriga de alguém para ver o que tem lá dentro (um câncer por exemplo).

Quanto à “variação diagonal”, sinto muito, mas devem procurar o novo diretor do Banco Central. Provavelmente é um neologismo que significa “liberou geral”, como vimos na sexta-feira quando um dogma tido como infalível durante os cinco anos do real (o controle do câmbio) ruiu em poucas horas, alguns dias depois que 18 governadores amigos, reunidos em São Luís do Maranhão, acertaram um torpedo na linha-d’água da equipe econômica, condenando o calote de Itamar, mas – como disse Delfim Netto – “querendo tudo o que ele quis”.

Comecei a trabalhar em jornal em 1968 e só em 1982, correspondente em Nova Iorque, tive que escrever sobre economia. Costumava dizer naquela época que estava aprendendo a navegar no *Titanic*. Naquele ano o México quebrou e afundou e fomos de roldão. Ainda não se falava em globalização, mas deu na mesma. Eu que nunca tinha escrito sobre economia passei quatro anos historiando a crise da dívida, inúmeros acordos com o FMI, os “brigelões” (que é como a gente chamava os *Bridge Loans*, em inglês, empréstimos-ponte), os buracos da agência de Nova Iorque do Banco do Brasil que fechava a posição do país todos os dias e as negociações sem fim com o comitê de bancos e Bill Rhodes.

Nós, os jornalistas brasileiros, formávamos

uma pequena comunidade que cansava de ficar horas de pé no térreo do prédio do Citicorp, esperando por um sinal da crise, uma palavra, uma chave que nos permitisse entender o que estava ocorrendo. Na época éramos pouco amigáveis com as autoridades – ao contrário do que constato hoje – e tínhamos sempre a impressão de que quando Delfim, Langoni, Galvêas, Pastore, Madeira Serrano, os gênios de plantão naqueles idos, abriam a boca estavam sempre querendo nos enganar.

Os americanos ficavam furiosos e a uma carta de intenções com o FMI e a uma negociação com os bancos seguia-se outra e tudo ia sendo empurrado com a barriga. A dívida brasileira beirava os 100 bilhões de dólares, um terço da atual, e os banqueiros elogiavam os militares dizendo que no Brasil pelo menos era possível ver onde o dinheiro tinha sido aplicado: Itaipu, Ferrovia do Aço, programa nuclear e outros sucessos (poucos) e fracassos (muitos) do autoritarismo.

Naquela época eu já me espantava com a importância que os economistas tinham conquistado em nosso país. Em qualquer país sério, o economista é um técnico indispensável à formulação e administração de uma política, mas apenas isso: um técnico. Quem formula políticas são os políticos, pois estes podem não entender de “variações diagonais da banda” mas têm a sensibilidade de perceber os efeitos das medidas econômicas no mundo real.

Durante anos estamos sendo gerenciados por gênios e o buraco vai aumentando sem parar até chegarmos ao ponto em que nos encontramos hoje. Os economistas brasileiros têm tido – graças à ignorância abissal e à omissão dos políticos – um campo interminável para experimentar suas teorias acadêmicas. Eles atuam como se a economia fosse uma ciência tão abstrata como

a matemática. Na verdade, todas as vezes que se experimenta algo que não dá certo no reinado da economia virtual em que vivem os nossos gênios da PUC, algo de muito concreto ocorre no mundo real de todos nós. Algumas pessoas morrem, outras perdem seus empregos, inúmeras têm seu padrão de vida diminuído e alguns (pouquíssimos) enriquecem ainda mais.

Não passaria pela cabeça de nenhum débil mental dar tal poder aos médicos, por exemplo. Já pensaram? Se os médicos pudessem experimentar livremente suas teorias na pele da população quem teria a coragem de passar na porta de um hospital?

A solução para isso está bem debaixo do nariz de Fernando Henrique. José Serra mostra que para ser um bom ministro da Saúde não é preciso sequer ser médico. Eu aposto que o seu Manuel da padaria da esquina daria um gestor econômico muito melhor do que os gênios que nos têm governado. Ele pode não ser muito sofisticado, não terá a menor idéia do que é a “banda diagonal”, mas dá um duro danado para manter o seu negócio funcionando. O seu Manuel da padaria conhece a economia real, jamais gasta mais do que ganha, não vende fiado de jeito nenhum e em sua lógica primária sua margem é quatro por um, ou seja, se quatro laranjas fazem um suco e custam 50 centavos, o suco custará dois reais.

Estará ele nos roubando? Claro que sim, mas bem menos do que se transformasse sua padaria num local onde trabalhassem 20 pessoas, reformasse sua loja todos os meses, vendesse parafusos, contraísse empréstimos com os agiotas do pedaço para comprar farinha e reclamasse que estava sem dinheiro, cobrasse quatro reais e não entregasse o suco de laranjas. É só escolher.